

O METEORO

Redactores:—Antonio Duarte, Nogueira Sá e S. Vianna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL.—*Non gloria causa nobis, sed utilitas*

ANNO I

S. Paulo, 17 de Setembro de 1886.

NUM. 5

EXPEDIENTE

Toda a correspondência relativa ao «Metéoro» deve ser dirigida para a rua do Riachuelo n. 3, S. Paulo.

ASSIGNATURAS

Trimestre..... 18000
Mez..... \$400

O METEORO

A reforma do ensino

O novo governo trata de reformar o ensino de preparatórios.

É muito louvável esse procedimento do governo, porque em matéria de instrução não devemos parar, e sim estarmos sempre na vanguarda das nações cultas da Europa.

A instrução do povo é o verdadeiro caminho que conduz uma nação a alcançar o seu desideratum.

FOLHETIM

Voltar á carga

Como tu sabes, leitor, isso que está ahí em cima é um anexim muito usado, por quem o conhece, já se vê!

Porém não penses que vou agora dar-te alguma explicação desse adagio; não, e nem isso tem cabimento aqui.

Não explico, não, porque ignora a sua origem, mas porque não sou mettido á *cêbo*, isto é, não sou mettido á Castro Lopes, ou antes á explicador de anexins; não sou também tão profundo latinista como elle, mas sempre petisco alguma cousa da *morta* lingua do *immortal* Virgílio.

Limito-me simplesmente a emittir a minha opinião sobre a significação d'esse anexim, que segundo o meu fraco modo de pensar (que chapá!) vem a ser o mesmo que o *au revoir* francez, apóz a execução, ou antes a repetição de um acto bom ou máu.

Mas, por fallar em anexins, me

O que achamos, porém, censuravel é que o governo queira reformar o ensino difficilissimo quando devia ter por timbre facilitado-o.

A difficuldade do ensino acarreta maior desfeza para o individuo que se dedica á carreira das letras

Abre-se portanto, um privilegio para os favorecidos pela fortuna. D'ahi a falencia de instrução para o individuo pobre, que aliás poderia obtela, se a instrução em nosso paiz não fosse tão dispendiosa

O augmento de materias no ensino de preparatórios longe de trazer resultados benéficos para a nossa instrução, pelo contrario, atrophia a intelligencia e produz a confusão no espirito de quem as estuda.

O que cumpre, pois, fazer é ampliar o estudo das materias já exigidas para as matriculas nos cursos superiores e com especialidade o estudo da lingua portugueza que é tão deficiente entre nós.

lembro que o dr. Castro Lopes nos promettera publicar um folheto contendo a primeira serie dos anexins, por elle explicados no *Jornal do Commercio*, e até hoje, nada de nada, e nós estamos a vêr navios! E' o caso de se dizer — ora o Lopes!...

E que trucista! julgou-nos uns bôbo-alegres, passou-nos uma formidavel e descarada alicantina, e... mettu-se na moita!...

Saiba elle que o promettido é devido. Muita gente boa (como eu) estava avida que surgisse no mercado o tal pamphleto, para compral-o *in continent!*

No entanto—decepção!

Mas, passemos ao assumpto:

Como ja dizendo, *voltar á carga* quer dizer, vir de novo, tornar, etc.; portanto eu estou agora *roltando á carga*, isto é, estou novamente prehenchendo o honroso lugar de folhetinista do *Metéoro*, depois de tantos e tão fortes impêcilhos.

Ora, vejão se isto é ou não uma desfeita dos diabos.

—No segundo folhetim eu estava querendo fornecer para thema

O primeiro cuidado do educador é fazer a mocidade conhecer e fallar d'esse idioma com a graça e deessa magestade que o exalta, e d'essa doçura que o suavisa.

Que linguagem mais sonora, mais cadenciada, mais rica existe hoje no mundo do que no idioma que os brasileiros fallão?

Aprendemol-a nos classicos portuguezes, e a aformoseamos, nacionalisando a, com a leitura dos escriptores patrios contemporaneos e não tememos em desafiar os demais idiomas quanto ao seu primeiro elemento — a palavra.

A linguagem é o instrumento da manifestação do nosso pensamento; é, pois necessario conhecer o patrio idioma para exprimir-nos com clareza, e sermos assim bem comprehendidos.

Deve-se dar instrução ao povo, porque com isso tem-se prestado um grande beneficio á humanidade.

Devemos trabalhar pela in-

do mesmo, todas as asnidades que a minha cachola pules e produzir; no terceiro, idem: mas em ambas as oportunidades, os meus passos foram embargados, os meus esforços baldados e eu conservei-me meditando e cabisbaixo aquem da mu alba.

E mais uma cousa, com que eu *funeti*, foi ter eu me apresentado, todo gangento, como o assiduo folhetinista do *Metéoro*, e depois não cumprir á risca aquillo que avancei; dei o cavaco com a bodega

Demode que, dir-me-á o leitor, que eu não tenho a energia precisa para empregar em certos casos.

—E eu cá com as minhas casas (para não dizer botõe,) direi: e esta, padre! Só posso responder que são caprichos do acaso!

As leitoras havião de estar anciosas pela minha segunda rebordosa, e eu nada de apparecer; fiquei bem quietinho cá na minha mesa de estudo, lendo os escriptos ou folhetins de Arthur Azevedo ou F. Junior ou mesmo de J. Cezar Machado, ou até de algum outro

no 1.371-23X32 (16X24)

strucção, porque é ella quem vai nos dar em resultado o governo livre.

Só um povo illustrado pôde dirigir-se; e só um povo que a si mesmo se governa, pôde ser livre e feliz.

S. Paulo 1886

SOUZA VIANNA.

ESCRINIO LITTERARIO

Decepção

(CONCLUSÃO)

(Vide n. 3)

N'este interim, *Elle* passa todo encasacado e perfumoso, como era de costume, e descortina na escuridão da janella um corpo que elle não, distinguia ao certo o que era, não obstante, adianta os passos vagarosamente, approximando-se do vulto, e ainda que mais de perto não reconheceu a sua especie, e aprompta-se pressurosamente para murmurar-lhe palavras amorosas, e eis que, de repente, sem que *Elle* esperasse por tal calamidade, um corpo pesado atira-se sobre *Elle* e agarra-lhe no colossal nariz deixando-o em misero estado.

Elle foi-se sombriamente

patusco, que eu não tenho a fortuna de conhecer, para ver se assim, com a boa leitura, ao menos, eu podia produzir cousa mais digna; mas qual! é malhar em ferro frio, eu hei de sempre borrar o capitulo, como diz o outro.

— Não senhor, dirá o leitor, V. vai muito bem, com o tempo ficará melhor, constancia e caldo de gallinha são os dois remedios mais efficazes, que se tem descoberto até nossos dias, para quem está querendo aperfeiçoar-se em qualquer cousa.

Portanto, cêbo no caso!... E' bôa, com ensopado!

Eis aqui, meu querido leitor, como se volta á carga, assim, sem, mais nem menos.

Mais valle tarde do que nunca. Por isso os leitores me veem aqui rente como pão quente!

Está bom, adeus, oh! Zêca! o Coisa está em casa à minha espera.

Como sempre

JOS HYMNO.

commentando esta inesperada decepção!

Era um formidavel e possante cão—Terra-Nova que instinctivamente mordera-lhe no nariz arruinando assim todos os seus projectos de casamento ou qualquer outra cousa que por acaso pretendesse

Mais tarde, quando *Elle* são, transitava por aquellas conhecidas e repugnantés paragens, ouviu partir da janella uma estrondosa gargalhada; erguendo os olhos deparou com *Ella*.

Desde essa occasião, quando por ahi passava, balbuciava, com rancor uma chusma de palavras, que formavão conjuntamente uma tremenda descompostura

D'ahi em diante adiou fidalmente a raça canina.

BALBEK YADNATTA

Verso e reverso

(A Eduardo Chaves)

Era um mimo ideal de formosura
Essa que outrora conheci creança
Desabrochada como uma esperança
Que nos alenta e limpida fulgura

E como, quêdo, ás vezes, na bonança,
O mar se mostra cheio de doçura,
De sonhos cheia e cheia de ventura,
Alegre a vida lhe corria mansa

E foi crescendo, cada vez mais bella
A proporção que, celeres, na vida,
Um após outro os annos descontava

Como um contraste a taes encantos,
O lindo corpo airoso era guarida
De um'alma tôrpe, sanguinaria e brava

ALFREDO DUARTE

A Esperança

(TRADUÇÃO DE CHATEAUBRIAND)

Existe no céu um poder divino, companheiro assiduo da Religião e da Virtude.

Elle nos auxilia a supportar a vida embarca conosco para mostrar-nos a porta das tempestades, igualmente doce e protector dos viajores celebres e dos passageiros desconhecidos.

Posto que seus olhos sejam cubertos com um véu, seus olhos penetrao o futuro. Algu-

mas vezes elle traz flores viçosas em sua mão, outras vezes uma taça cheia de um licôr encantador.

Nada approxima-se do encanto de sua voz, da doçura de seu sorriso; quanto mais adianta-se para o tumulto, tanto mais mostra-se puro e brilhante aos mortaes consolados.

A Fè e a Caridade dizem-lhe *meo irmão*, e elle chama-se—*A Esperança*

Uma pesca

A noite se approximava arquejante, quicá, por causa dos abrasadores raios solares e levava de vencida o dia que afastava-se repellido pelas indomitas e densas trevas.

Uma occasião tão propicia para fazer-se uma pesca maravilhosa jámais poderia ser offerecida! Precatei-me e só galguei as altas e alcantiladas ribanceiras do Gyripoá que vai depôr as suas chrySTALLINAS aguas aos pés do Coatyara. Uma hora depois, achei-me em frente d'um esteiro como oitenta metros de largura, *à peu près*, e vinte de profundidade; deti-me e atirei o meu forte anzol que immediatamente desceu ás profundezas do rio, atrave sando as suas alvas e diafanos aguas. Durante um quarto d'hora esperei que algum peixote se divertisse com o meu anzol; mas ah! eu scismava ou antes delirava, quando senti cahir sobre minhas espaldas um corpo pesado que lançou-me no rio e logo visitei inopinadamente o escritorio dos segredos do Gyripoá. Alguns segundo depois, voltei á tona, fiquei aterrorisado, quasi extatico, quando os meus olhos encontraram-se de chofre com os de um formidavel jaguar, que ainda estava bolonio pela grande quêda, que levava de um altissimo jato-bá. Sem dilacção, voltei-me e empreguei o meio unico que possuia para salvar-me d'essa fera medonha, isto é,—a natação— a que era affeito. O animal ferino atirou-se n'agua d'ahi a pouco com o fim de dilacerar-me com as suas presas e saciar a sua fome, tresnoitado, mas já eu distanciava-me d'elle; todavia, minutos depois, o bruto preparava as suas garras para

despedaçar o meu corpo inerte; prevendo o perigo, mergulhei. . . e voltei à flôr d'agua a não poucas braças de distancia. O jaguar, que já havia recuperado suas forças, ao ver-me, precipitou-se contra mim; mas, de novo visitei o profundo abysmo do rio e sem hesitar atravessei uma pequena e escabrosa catarata. . .

Terminada essa arrojada empreza, achei-me deitado em um esplendido leito, e já a aurora desfraldava o seu radioso pavilhão no horisonte do azul firmamento em que despontava o soberbo astro-rei! . . .

Na realidade, fiquei admiradissimo, porque tudo isto foi um sonho! . . .

O jaguar foi um gato que por desleixo ficára na minha camara de dormir; o rio, uma grande e infecta mijada, que o tal gato lançou sobre minha cabeça! . . .

Desde essa infausta noite, tomei tanta ogeriza pelos gatos, que não posso vel-os miar ao longe.

JACAUNA BUCANCY.

A' moderna...

(A ADOLPHO VIANNI)

Elle fôra um bravo militar. . . Se não fez a guerra da Criméa, *outra* havia feito e mais louros colhido.

Tinha uma filha e uma perna quebrada, o que já presumia bravura!

Conhecia muita gente.

Era fallar se de um individuo qualquer e elle, com a sua loquacidade natural, descrevia o sujeito quer sob o ponto de vista physico, quer moral, quer intellectual. . .

Entre os seus conhecidos havia um capitão, como elle, que estimava ardentemente (em amor sempre tem lugar este adverbio) a filha do bravo Gregorio.

Ella não era alheia ás *zumbais do invicto* (em estylo marcial sempre este qualificativo) e donado capitão Anacleto.

Quantas expressões assucaradas não erão dirigidas de parte a parte!

Ella fixava n'elle aquelles olinhos pretos e magneticos e

assim *encarabulava* o Anacleto.

Ao almoço, em quanto o velho ria-se estupidamente dos esforços feitos pelo Dondon (cãosinho dilecto) para obter uns pedaços de pão, a filha, a Rosalia, estendia o olhar pela rua por uma janella que ficava-lhe fronteira

E não eram inuteis seus olhares porque cruzavam se com os do Anacleto que, bozamente, estava à porta do botequim ostentando aquelle ventre indecoroso!

E assim *penleavam* o Gregorio.

Passados mezes as relações estreitarão-se mais.

Uma tarde jogavam o *sólo* os tres familiarmente.

O Anacleto somente *a passar*, Rosalia a *bolar*... ou *carambolar*?

O velho, com aquella bonhomia que lhe era peculiar, só dizia: *é bom!*

Por baixo da mesa havia um torneio... de pés!

Por isto Anacleto estava só a passar .. os pés d'um para outro lado

De vez em quando Gregorio elofiava-lhe o talento, a bravura e a honestidade

Hoje são casados e, — uma novidade à ultima hora, já teem um filho.

Outra novidade: o velho é sogro politico de Anacleto!

Elles amavam-se tanto!! Para que irem á igreja?

FLAVIO GONTRAND.

1886.

Pensamentos

Uma religião sem sobre-natural faz me pensar um annuncio que li ha annos n'um jornal—*Vinho sem uvas*

Não ha religião que não blasfeme um pouco.

VICTOR HUGO.

Ocultar os soffrimentos do coração é supportar generosamente suas miserias. Não ha para os infelizes, patria mais natural do que a solidão.

QUINTO CURCIO.

A poesia deve ser sempre a expressão de um estado emocional; subjectivo, intimo;—o romance deve ser o estudo physiologico dos caracteres sociaes.

SYLVIO ROMERO.

Ha homens que trazem no rosto aquillo que são

ESCRAIGNOLLE TAUNAY.

Nascer, lutar, soffrer — eis toda a vida.

GONÇALVES DIAS.

Saber como as cousas deverião ser—é de homem de bom senso; como ellas são—é de homem experimentado; como se devião mudar para melhor—é de um homem-genio.

DIDEROT.

A propria exageração desarma o espanto.

LUIZ DELFINO.

Quando se chora é porque o coração está vivo, é porque, embora embotado em parte, tem ainda um lado sensivel que o lódo do mundo não pôde manchar.

CASIMIRO DE ABREU.

O homem intelligente eleva o egoismo á cathgoria de virtude. o que nunca passará de um vicio em relação ao imbecil!

SARAH BERNHARDT.

A' "Gazeta de Valença"

Mais vale tarde do que nunca. Portanto ainda vai a tempo fazermos um justo pedido ao nosso collega da «Gazeta.» isto é, de, quando transladar para as columnas do seu conceituado jornal, qualquer escripto inserido no «Metéoro,» communicar aos seus *innumeros* leitores, qual a sua legitima procedencia, para evitar, assim, qualquer «amphibologia» ou cousa que o valha! Parece nos ser dever dos jornalistas e depois....! não custa nada!.... como sabe.... sempre ás ordens!....

Visitas

Durante a ultima quinzena recebemos as seguintes folhas:

—A Gazetinha,—anno i n° 1, publicada na cidade de Juiz de Fora, em Minas. E' uma revista essencialmente litteraria e collaborada por escriptores de reconhecido talento; por isso el-

la vem occupar um lugar de honra entre as melhores revistas litterarias do paiz.

—O Municipio,—O Mineiro,—A Republica,—A Gazeta de Cananéa,—O Sete de Setembro,—n unico, publicado no Collegio Moretz-Sohn; é simplesmente commemorativo da data da nossa independencia politica. —O Correio do Machado,—O Povo,—O Cosmopolita,—O Cataguazense,—O Rezendense,—O Leopoldinense,—O Passaro,—O Semanario,—A Novo Phase,—O Pom-bense,—A Tribuna de Paraty,—O Regenerador,—A Matraca,—O Correio de Portugal,—A Patria,—O Oitavo Districto,—O Palladio,—A Actualidade,—La Semaine Industrielle,—O Relampago,—A Tesoura,—A Gazeta, da Bocaina,—O Americano,—Seis de Outubro,—O Pequeno Jornal,—A Imprensa.—**Agra lecidos; promettemos permuta.**

Miscellanea

Ha tempos um sujeito, lendo *A Gazeta de Noticias*, esbarrou com a epigraphe —Notas á margem— e como ignorava o que vinha ser aquillo, vai procurar na «margem» da «Gazeta» a ver se encontrava algumas «quotas»! E' boa!

Deseja-se encontrar no Globo, ou em qualquer outra parte:

—Um estudante que nunca estivesse na onça;

—Um padre que não tivesse vontade de casar-se;

—Um typographo que não fizesse, pelo menos, tres «empastellações» por dia;

—Um jornalista que nunca estivesse sem assumpto;

—Uma mulher que nunca tivesse ciúmes;

E' exquisito!

Todos os jornaes contemporaneos bollem com as sogras; parece-me que os jornalistas da actualidade têm todos um ás sogras! que fação-me o favor....

Charadas

1—1—Em todos os paizes serve para comparar este animal.

1—1—2—Olhal de subito olhon, e... está na Italia.

1---1---2---Aqui o amphibio no bilhar é fructa.

!---2---O instrumento no bilhar é moeda.

1---1---Não é lá que não presta o leito.

1---1---Ilumina, sempre dois é um homem,

Logogripho

Uma historia tradicional---2,3,6,7,1

Fofoço é aqui dizer---10,9,8,13,14,15,11,18.

Com um tileu sou da China---4,5,12,16,18.

Era bastante tyranno---17,9,8,18.

Celebre escriptor eis o conceito. 1, 2,3,4, 5,6,7, 8,9, 10,11,12,13, 14, 15,16,17,18.

Dizem que : Molière era filho de um armador; Shakespeare, de um cortador; Colombo, de em cardacor de lá; Horacio, de um escravo; Beaumarchais e Rousseau de relogeiros. Já é coisa !!...

SIMPLÔRIO.

NOVAS

Consta-nos que vai publicar um livro de versos o distincto poeta academico, Eduardo Chaves. E' mais um ornamento a nossa litteratura.

Regressou no dia 12 do corrente da cidade do Mar d'Hespanha, para onde tinha partido, o nosso collega de redacção, Nogueira Sá. Fez boa viagem, e está mais gordo!

Horacio de Carvalho e Alfredo Duarte vão brevemente mimosear o publico com dous lindissimos e inspirados livros de versos: o 1º com as suas «Phrenophonias» e o 2º com seus «Nenuphares»,

Felicidades... isto é, leitores que paguem bem.

Sabemos que no dia 23 do andante na cidade do Mar d'Hespanha em Minas, inaugurar-se-ha a nova Matriz, o mais bello e importante edificio que ornataquella localidade.

Por essa occasião haverá grandes festejos, além de uma «Kermesse» magnefica organizado pelo brilhante e attractivos bello e sexo daquella cidade.

Publicar-se-ha tambem nma folha, numero unico, contendo varios artigos sacros em homenagem á nauguração da Igreja.

O publico marhespanhense demonstra com esse nobre e glorioso feito a sua tendencia emprehendedora e progressiva.

Nós, da longinqua Paulicéa, cumprimos um dever de patriotata, erguendo um bravo aos nossos dignos conterraneos — o povo do Mar d'Hespanha.

Acha-se em S. Paulo o illustre escriptor brasileiro, Filinto d'Almeida, o brilhante chronista d'A Semana.

Cumprimos o illustre hospede

Erratas

No nosso numero anterior (4), no artigo editorial, 1ª col. 10ª linha, em vez de «tomando-se», leia-se «tornando-se»; na 2ª col., linha 8ª em lugar de «que justamente», leia-se «que é justamente»; na mesma col., linha 22ª, em vez de «é porque elles», leia-se «é porque elle»; na 2ª pag. 1ª col., linha 7ª, em lugar de «commetter esses factos», deve-se ler, «comentar esses factos»; na mesma col., linha 26ª, em lugar de «ordens», leia-se «ordem»; na 2ª col., linha 20ª, em vez de «Que é assim», leia-se, «Se é assim».

No art. «A Educação Clerical», 1ª col., linha 6ª, onde se lê, «E esse talvez», leia-se «E esse é talvez»; na 3ª pag., linha 14ª, col. 1ª, em vez de «em dominio», leia-se «um dominio»; na 2ª col., linha 12ª, em vez de, «quaes obrarão então», diga-se «quaes obrarão então»; na linha 27ª, em vez de «teria dominado os dois», leia-se «teria dominado totalmente os dois» etc.

Na seção «Escrinio Litterario», no art. «A familia do Canario», 1ª col., linhas 7ª e 8ª, onde se lê, «de quando em quando em vez», deve-se ler, «de quando em vez»; na linha 19ª, em vez de «era um misto» etc., leia-se «era um misto» etc.

No folhetim em prosa, col., 1ª linha 18ª, leia-se «divertimento» em vez de «advertimento»; na 2ª col., 3ª linha, «cliente» em lugar de «celiente»; na ultima columna, 7ª linha, leia-se «duas filhas moças», em vez de «dous filhos moços».

